

A dramatic night photograph of a church facade, likely during a festival. The church is illuminated with warm lights, and a large bonfire is burning in the foreground, casting a strong orange glow. Confetti is falling from the sky, creating a festive atmosphere. The church has a central tower with a cross on top and two bell towers. The text "MADEIRO" is overlaid in large white letters, and "Fólios de Poesia IV" is written below it in a smaller font. The bottom right corner features the text "MUNICÍPIO DE PENAMACOR".

MADEIRO

Fólios de Poesia IV

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR

TÍTULO

Madeiro – Fólios de Poesia IV

COORDENAÇÃO

André Oliveirinha e Pedro Miguel Salvado

APRESENTAÇÃO

Pedro Miguel Salvado

**PROJETO GRÁFICO
E ILUSTRAÇÃO VILA MADEIRO**

Vitor Gil

DESENHO E PINTURA

Ribeiro Farinha; Gabriel AV

FOTOGRAFIA

João Martins; Zclick.photography; Nuno Silva; Arquivo CMP

REVISÃO DE TEXTO

Cristina Cerdeira; Micaela Pelicano; Tiago Alves

DEPÓSITO LEGAL

525 992/23

ISBN

978-989-35103-4-6

IMPRESSÃO

Gráfica Maiadouro, S. A.

TIRAGEM

1200 exemplares

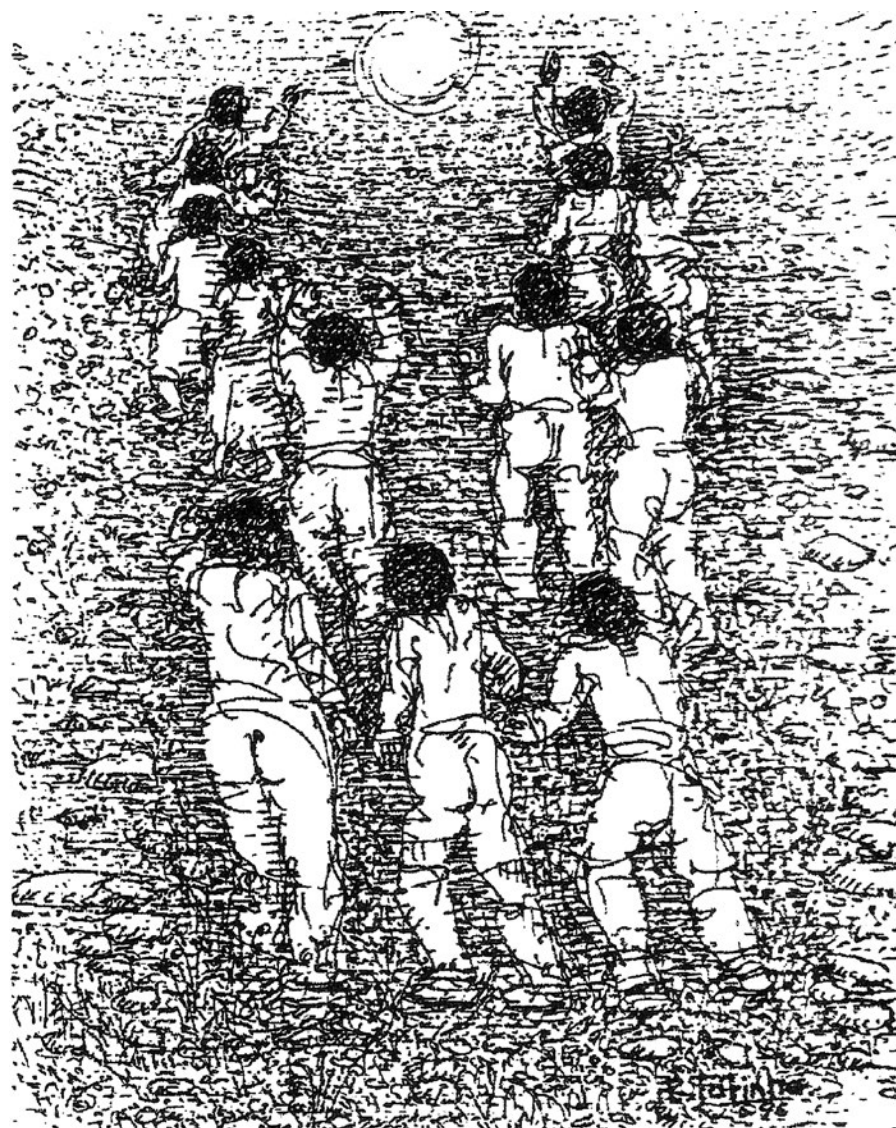
EDIÇÃO

Câmara Municipal de Penamacor / 2023

MADEIRO

Fólios de Poesia IV

MUNICÍPIO DE
PENAMACOR



MADEIRO: CINZAS RENOVADAS

O conjunto de vozes que compõem a IV entrega de *Madeiro - Fólios de Poesia* continua a associar um amplo sentido metafórico e criativo a este peculiar projeto de descodificação e interpretação desta ancestral manifestação ritual. Renovam-se leituras, marcando com as palavras uma cartografia que percorre e revisita tempos e epidermes dos sentidos. Este mapeamento unifica territórios de interioridades individuais com aquela outra interioridade formada pelas micro geografias votivas das comunidades onde o cerimonial do Madeiro ainda é um centro de identidade que reafirma o calendário da vida em terras cada vez mais despojadas de gentes.

Nos adros das igrejas das aldeias, de que se apresentam algumas captações imagéticas que acompanham os poemas, a presença do lenho que se transmuta pelo fogo assevera a linhas da renovação evocando o Madeiro como o grande fogo exterior do lar comum. Ativam-se todas as memórias e nostalgias acalentando a noite mágica que anuncia a diáfana e pretendida manhã de esperança.

Ritmados por composições de origens distintas e, por vezes, ingênuas e contrastantes, introduzimo-nos nos significados de uma das manifestações espirituais mais ancestrais em muitas culturas e lugares onde a ritualização do fogo liga a tactilidade da labareda e da combustão aos horizontes do intangível.

Estas “festas” sincréticas que juntam culturas e temporalidades religiosas entrelaçam-se com tradições e primordiais ligações entre as sociedades e os ritmos da vida que o cristianismo fundiu e, nalguns casos, fez esquecer e apagar de sentido. Cumprir o tempo do Madeiro constitui hoje, nestes territórios do Inteiro português, um significativo ato de resistência e de continuidade. Resistências rituais e identitárias que urge não deixar perder nem diluir em nefastos e descaracterizadores consumos eventistas como enfatiza Oliveira Baptista quando “morre uma cultura, declina um mundo...”. A data e os gestos afirmam sempre um ciclo que se fecha e que se reinicia.

Numa das próximas edições destas apreensões pretendemos evidenciar os contrastes e as continuidades entre os transmitidos paganismos e a nova religião dominante num inventário de fogueiras da luz que aproximará as linhas solsticiais e natalícias ibéricas e respetivas línguas do atlântico aos Pirenéus, do mar do norte ao quente mediterrâneo. Em complementaridade, também nos deteremos noutra tipo de fontes alusivas ao ciclo registadas na literatura de recorte etnográfico, numa reconstrução das linhagens votivas, visibilizando um património que nos possibilita apercebermo-nos das complementaridades, per vivências, e compreender as diluições e apagamentos rituais. Que memória construiu o fogo salvífico que funda no espaço e no tempo as “raízes humanas” numa “luminosidade transparente”, para utilizarmos uma expressão de Mari Salvi quando um dia percorreu sobre as fantásticas pinturas de identidade do pintor beirão Ribeiro Farinha?

Atentemos também, e como exemplo, a uma das primeiras “superstições” colhidas numa aldeia da Beira Baixa devida ao pai da arqueologia e etnografia regionais, Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916), que consistia “em retirar da fogueira tradicional que

se faz á porta da igreja matriz na noite de Natal, pela 1 hora da noite, um pedaço de madeira d’azinho que esteja a arder. Esse tição devera apagar-se por si para não perder a virtude. Guarda-se religiosamente em casa e em ocasião solene de trovoadas iminentes, chegaram do lume da lareira o pobre tição da noite do Natal, o qual por estar seco e parcialmente carbonizado pega logo a arder. Assim se conserva durante a trovoadas e, finda esta retira-se novamente do lume, deixa-se apagar por si debaixo de cinza, e guarda-se para outra vez.”

Estes fólhos são uma enciclopédia de afetos, enciclopédia, palavra de origem grega, que significa “ligado por círculos”. O *Madeiro* é um círculo ritual que transforma os círculos das idades do crescimento do lenho, círculos dendrocronológicos que o fogo vai transformar numa abóbada que se liga ao céu nessa noite de luz. Dizia Novalis que a “A luz é símbolo e agente de pureza. Onde a luz não tem nada a fazer, nada a unir ou nada a separar, passa.” a luz do *Madeiro* permanece nas terras e, principalmente, no coração.

Pedro Miguel Salvado



maté- rias da Luz



Afonso Carrega

Finalmente nasce a luz do sol
Só para mim
Finalmente a escuridão e seu rol
Chega ao fim

A alvorada tão esperada
Amargosa mas chegada

Nasce docemente assim
Acaba a penumbra enfim

A chama dentro de mim
Reata-se num clarim

O calor, que deu lugar ao frio, regressou
O fogo espalhou-se pelo corpo e m'abraçou



Aires Diniz

AI FRIO PARA QUE TE QUERO

Sofro o frio agreste de uma qualquer serra
Numa qualquer aldeia de um interior deserto e quase enregelo
E quando me chamam para ir à lenha para aquecer o Menino Jesus,
Tenho medo de não aguentar tanto frio

E vou como se não houvesse mais nada do que um caloroso convívio
Acontece com as gentes da aldeia ou da pequena vila
Acontece na noite enregelada de um Natal perpétuo
Mas, regresso depois do convívio deveras afetuoso

Bebemos agora um chá quente
Ou um cálice de água ardente
Numa noite fria de inverno

E a vida continua
Sempre alegre e quanto baste calorosa
E apesar do frio que, neste tempo, sempre acontece

O MADEIRO

O madeiro já chegou ao largo da igreja
Dizem as crianças
Ansiosas, esperançosas por ver o arder na noite de 23
E a contar pelos dedos das mãos, 1, 2, 3,
Os invernos que faltam para o seu ano!

O ano, em que homens e mulheres
Outrora crianças, filhas de beira
Escolhem as árvores, os ramos, os galhos
Carregando no peito a força da continuação da tradição
De dar aos olhos das gentes da sua terra o maior madeiro que já se viu!

E da maior chama, nascem as maiores esperanças,
Aqui o fogo acende a memória da saudade
E os mais velhos revêem-se na mocidade, na energia dos loucos 20 anos!

Há quem diga que o fogo de Penamacor, se avista para além das serras
E chega em faísca, em vislumbre até onde tem de chegar
Aquecendo a alma de quem precisa!
Outrora um sábio disse que os milagres da vida são os que conhecemos
E talvez a força desta tradição seja mesmo um,
Assim o vemos, um grupo de jovens, uma quadra, um molhe de paus
E a esperança cega de um futuro!





Ana P de Madureira

raiam auroras
sobre o Verbo
e acende-se o erguer do olhar
por entre caminhos descalços

tão fundo o azul do azul
no meio do dia
anunciando o latejo do sol
nesse sangrar de promessas
enquanto os homens festejam
a alvura das palavras

berço dos versos
sobre cânticos
em ecos de luz
a entoar o poema
incandesce de infinito
cada círio
que pela claridade se eleva
ofertando a eloquência das asas
às mãos

5 PAUS

calhado p'lo lajedo
que as cinzas acomoda
o lume à face as medra
(...)
pela noite dentro o lume
e o lenho ainda fresco
sacodem a geada
(...)
o fumo a espiralar –
as pétalas que passaram
os rubros troncos trazem
(...)

saltavam a fogueira
e a geada à volta em sombra,
ó clarão da noite
(...)
o broto quer privar –
do lume do adro
uma ponta de cinza

MADEIROS DO TEMPO

Sem medida nem idade,
Pelo tempo consumidos,
Desfazem-se, enegrecidos,
Os madeiros da herdade,
Neles só o mocho pia,
Em dias de ventania,
Leva-os a mocidade,
Entre risos e folia,
Como antes se fazia,
Para aquecer no Natal,
Mancebos da capital,
Almas do tempo sem tempo,
Que sem outro passatempo,
Tornam o tempo imortal
Na praça municipal.

MADEIRO

— Que estrada é esta?

— A arena da vida.

Ali está ela! Cheia de leões, de ficções, de ambições, de impetuosidades mas também empreendimentos. Aí está a Via Láctea da noite e do dia, das serras e dos oceanos, de rios e de desertos, de muros e dos seus derrubes, de justiças e injustiças... O futuro está no ar, dir-te-ão, uma espécie de vazio que tentarás preencher e onde cabem todos os universos possíveis, marcarás encontro com ele, quer queiras ou não, e chamar-lhe-ão destino. Encontrarás ventos de mudança, sussurros e confissões, bancos de nevoeiro instalar-se-ão em ti mas diluir-se-ão nos orvalhos da madrugada. Verás nascer em ti arcos-íris que desaparecerão na primeira noite, logo que descubras as realidades sintéticas do universo.

Acredita!

Verás nascer a liberdade nos teus pensamentos mas, provavelmente, nunca a encontrarás.

Resistirás, porque esse é o teu dever.

Não há senha de entrada, nem logaritmos de saídas. Apenas acontecimentos sucessivos, sincronizados pelo relógio orgânico com apenas numa dimensão, que poderás controlar, ou não. Abrirás um livro repleto de segredos por desvendar, cheio de oráculos gregos submersos em horizontes oceânicos pessoais, que terás de compreender, se conseguires encontrar outras dimensões do tempo.

Talvez pelo meio fiquem acontecimentos por desenrolar, livros por ler, obras por pintar, músicas por compor, mas acabarás por compreender que tudo e todos participam na construção do teu universo. Os mortos, as lendas, os presságios, as máscaras, os movimentos distorcidos do vento, as palavras que ficaram por dizer, as góticas cate-drais, tudo... tudo encontrarás nas difusas memórias temporais que te integram e que suportarás para sempre.

Tudo encontrarás nessa tua caverna, oculta por um espinheiro que terás de desviar para entrar. Talvez nades em círculos durante longo tempo, talvez existam noites sem sonhos, talvez tenhas de rastejar nas sombras, talvez tenhas de encontrar palavras que fabriquem sentimento, talvez... talvez tenhas de derrubar muros mas não encontrarás nenhum carcereiro, porque ele não existe, ou melhor, existe, chama-se ignorância, só ela te poderá impedir de entrar e só o teu trabalho persistente e tenaz te fará ultrapassar.

Se conseguires entrar então terás entendido a via original da humanidade. Depois de entrares encontrarás os madeiros para acender as fogueiras que tanto querias acender.

MADEIRO SOL

Fogueira ancestral
Viva de recordações,
Memórias cantadas
Ao brasido infernal.

Os rostos iluminados
Serenam os sorrisos,
Soltam alegrias mil
Num madeiro sem ardil.

Os mancebos galhardos
Carregam ao despique
Cada ramo rugoso
Num amontoado a pique.

Homens e mulheres
Aquecem as mãos e os anéis
Num fogo permanente
Do Natal aos Reis.
Madeiro, madeirame
Torga, cepo, raiz, santo lenho
Secular combustível
No adro da igreja
Na noite de Natal inesquecível.

A sombra duma azinheira
Susteve o calor da raia,
O tronco raiado da azinheira
Conta os anos certos
Na vida duma planície.

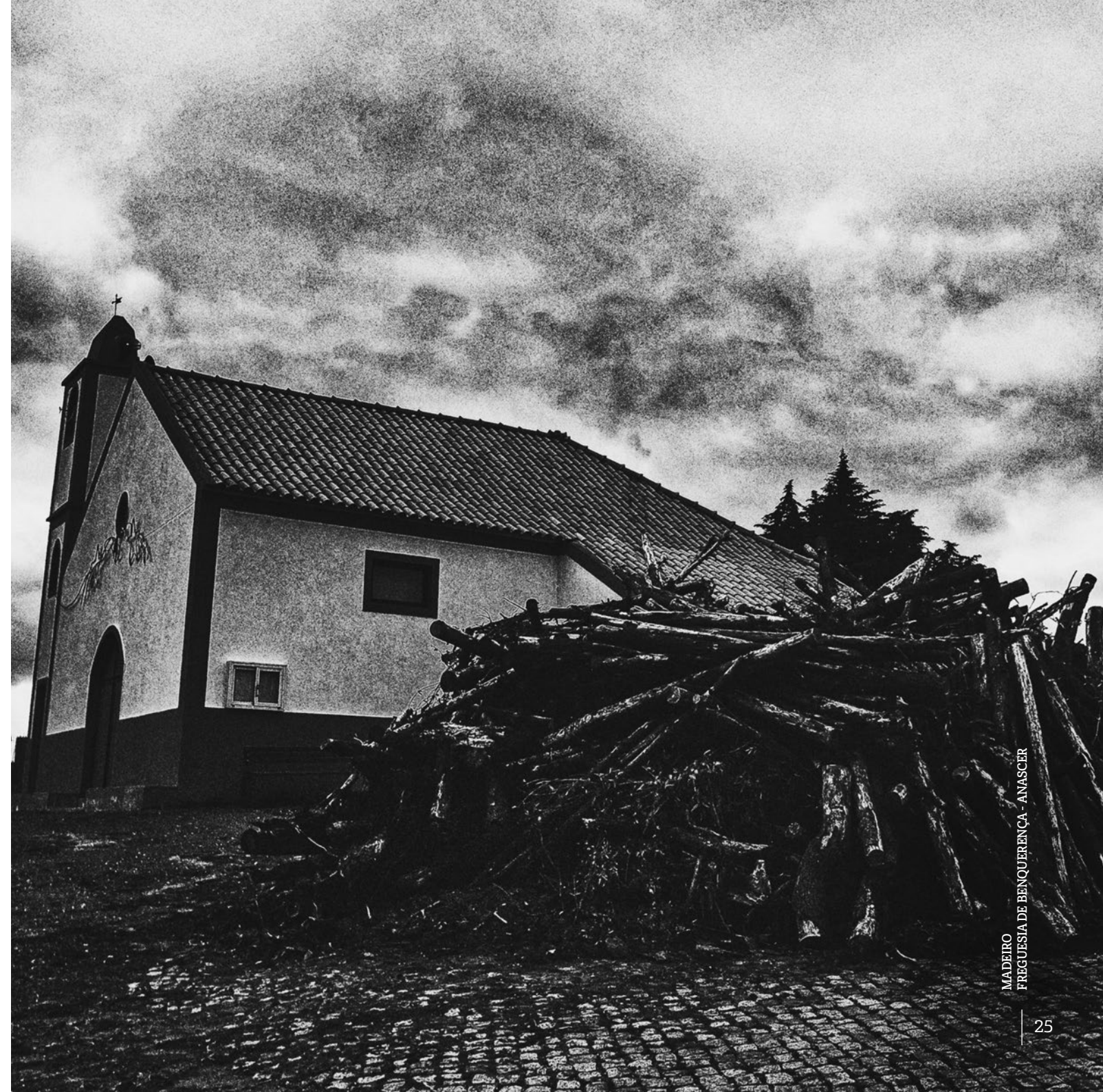
Ardes incandescente
Numa roda de cantadores,
Teces loas ao Deus Menino
Acabado de nascer em Belém.

O galo canta à uma, às duas...
Da missa em passo lento
Despacham-se os crentes
Para o aconchego do borralho.

Borralho, brasas, brasido,
Fogaréu, braseiro...
Todos sinónimos do Madeiro de Natal.

MADRUGADAS

nas madrugadas de cinza esconderam-se as noites
tensas de paixão
corredores extensos não se alargaram
a luz ténue no infinito tremeu
o estreito do abismo padeceu
gritaram os sóis as luas
desfizeram-se da pele
e mergulharam no pó imensurável
da terra animal
morreram os deuses que naufragaram nas chuvas de ontem
limparam-se os caminhos das antigas madrugadas
alargaram-se os corredores
sobreviveu a luz do silêncio nas chegadas





Fernando de Castro Branco

DEZEMBRO

O vento traz-me o vago frio desse lume.
Os caminhos de Dezembro ao acaso.
o Natal um vasto espaço sussurrado
pela neblina. O tempo nesse tempo
não era tema, tudo era eterno em seu passar.

Pirilampos de gelo a varrer a pele
com o jeito inclemente do que dói.
Nunca haveremos totalmente de deixar
de ser o que nesse Inverno fomos,
o impossível círculo talvez fechado.

Quem sabe se nessa paisagem
onde o corpo era nuvem, pássaro
com um rio em fundo. Neste poema
regresso não sei donde, chama
de Natal e algum frio. Lá longe

um rio mais sereno, ainda assim
o mesmo rio. Vinhedos, oliveiras,
amendoais; o amarelo das laranjas
colorindo quase tudo. Queria hoje
laranjas da Régua ou de Cinfães.

Com folhas.

PRESEPIO

Deitado numa tosca manjedoura,
Ladeado por José e Maria
‘Stá o Menino. Suprema alegria!
Uma felicidade duradoura.

Send’ aquecido pela palha loura,
Visto p’los Pastores, em euforia.
A estrela aos Três Reis Magos guia,
Leva-os à figura redentora.

Eis o verdadeiro, ímpar Natal:
O triunfo do bem sobre o mal!
Em cada casa acenda-s’ uma luz.

Conservemos tão nobre ideal:
D’ humildade é sempre atual
O santo nascimento de Jesus.

O ROBLE

O roble que em silêncio se incendeia
Trazido da poeira dos caminhos
Não cuida ser o sol dos pobrezinhos
Quando lhes preside a parca ceia;

Alheio e tartamudo à vaga ideia
Do amor que devotou aos passarinhos
Consome pela cinza o céu, os ninhos
E treme na faísca a voz da aldeia.

Carvalho de ombro forte e sombra calma
Pudera ser em ti a minha alma
Largado o canto vão, perdida a asa

E ao fim, sendo o meu corpo o teu madeiro,
Servil baixar a fronte e por inteiro
‘Svair-me em suma luz, morrer em brasa!

HERMÉTICA LLAMA

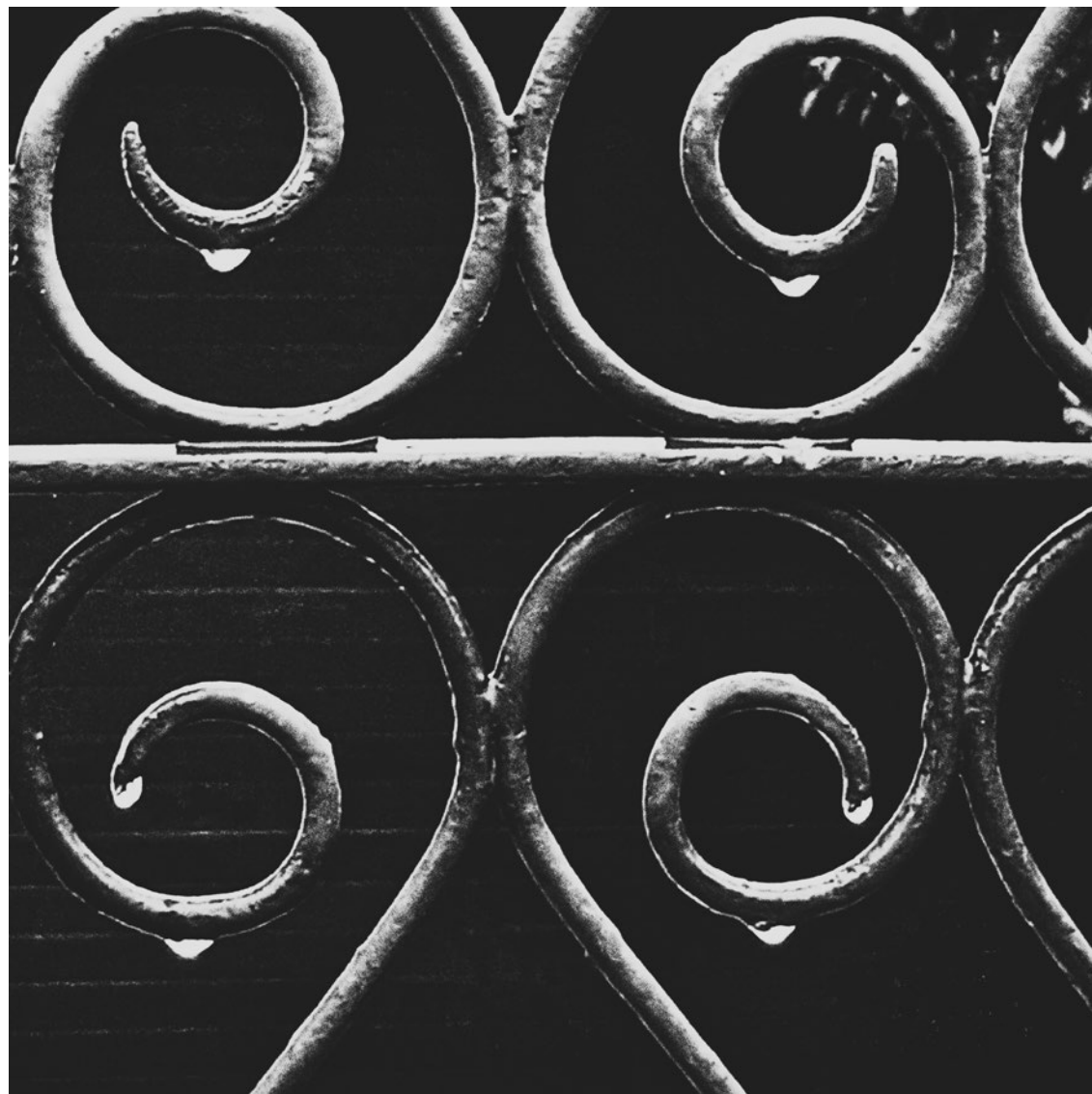
Cuán hermética es la llama del estío.
Su opulencia parece nutrir una luz negra
en las miradas, que caen cual olas
sobre la espiga ajena.
Prójimos cuyas yermas internas
son el sentencioso panóptico, otrora entusiasta,
ahora servil insumo de humeantes efigies,
reminiscencia de heridas pasadas
combustionando
ante tan desconcertante homenaje.
Solo queda sumirse
en el maravilloso ungimiento de la vulgaridad
o, en la quimérica rafia
escondida tras aquella luz negra
de ciertos despertares.
Así los levantamientos,
erigidos como protagonistas
de la homilética ausente,

reniegan ante la llama de amor viva
descrita por el venerable lírico,
pues a cada instante
vocifera el aliento de las empalizadas,
gestándose el amor propio en forma de ballesta
que lanza distancia con los semejantes.
Y, al fundirnos con el irreverente instrumento,
pretendemos ascender, esparcirnos,
ser exhalados por el tiempo,
consumidos por la imperiosa necesidad
de cesar todo aquello
discordante con el juicio ajeno.
Cuán hermética será la llama del estío,
al intercambiar la resiliencia
por la exacerbada luminaria
de las modas sociales.

José Dias (Paúl)

Ao chegar à vossa porta
O relógio dava hora
Levantai-vos meus amigos
Vinde-nos ouvir agora
Estamos aqui todos juntos
Satisfeitos e contentes
Cantando à vossa porta
Para estas boas gentes
Erguei-vos meus amigos
Deviam estar a ouvir

Não vos vireis para o outro lado
Não vos podeis deixar dormir
Já que nos estais a ouvir
Bem nos podeis ajudar
Senão fôssemos vossos amigos
Não nos vínhamos incomodar
Desculpai ó meus amigos
À vossa porta vir bater
Deus queira que de hoje a um ano
Nos tornamos aqui a ver



José d'Encarnação

Seis Lágrimas d'Orvalho,
a Efémera Beleza
dum mUNdo a preservar!

AGASALHO

O Natal chegava com o madeiro:
no alto do presépio,
sem cantar,
o anjo, bem sereno,
parecia que cantava:
sorriso infantil, matreiro,
e um brilho intenso no olhar.
Vésperas de mudança:
sobrava o calor do papel amarrotado
nos gritos felizes de criança.
Hoje?
Uma doce avareza, uma alegre apatia
e a moldura vazia
de um menino ignorado
com dois mil e tal anos.
Falta: farrapos de neve.
Sobra: farrapos humanos.
E nós?
Calados no tempo,
quase todo de sorrisos feito.
Tempo medido, preparado,
escondido, talhado à medida

do pescoço ensaiado
a fingir que vê
quando olha para o lado
e a saber porquê.
O Natal chegava num pinheiro,
por vezes salpicado com neve natural.
O galo, sem cantar, sereno,
ficava longe do madeiro,
resguardado num recanto do quintal.

Urge um Natal assim, em toda parte:
tranquilo, sem fome, tiros, demora,
com uma oliveira bem nova
para se regar com carinho
sempre que a terra o pedir.
E depois vê-la, no quintal,
a crescer devagarinho
para que, sem muito trabalho,
pingue, nas gotas de orvalho,
os sorrisos de um Natal
transformado em agasalho.





José Fernando Delgado Mendonça

O MADEIRO DE NATAL

é dia de acender
o madeiro de natal
dizem
para aquecer
o menino
jesus, de seu nome
todos esperam
a hora aprazada
o frio aperta
e o menino
está lá dentro
na igreja
os rapazes
da aldeia
juntaram a lenha
e estão agora inquietos
por aquecer
toda a gente

eu, também menino
mas não o nomeado jesus
fico horas a fio
a ouvir o crepitar da fogueira
na vã tentativa
de encontrar UM SINAL
a beleza das cores:
vermelhos
de tantas tonalidades
amarelos
a tender para dourados
até azuis
e tantas figuras
que me dizem
como serão os dias
no paraíso
em dias de frio
a recordar o passado

estou agora só
embrulhado
numa manta de trapos
bem quentinha
meio adormecido
espero o menino jesus
que tem medo do frio

Um sopro de fogo
Molda o vidro
Talha a pedra
(Re)constrói o lenho

Mãos de lume sobre a lareira
Esculpe em arte a madeira incinerada
Como se o invisível de súbito
Fosse uma clareira
(Ninguém o sabe)
Fosse quente e inesperado

A chama chama o tronco
E o lume desenha com lápis a rigor de ferver

A árvore solta as suas folhas
Amargura-se de sombras incandescentes
Padece e queima arde lenta e silenciosamente

Também a seiva da pedra é um líquido torpor
E o vidro ganha uma voz sólida e cristalina renasce das suas areias
Das suas mãos de cinza

Os círios iluminam vultos e mortos

Cinza
Pó

E o archote desse tempo
Essa combustão solta

Preenche a translúcida realidade do vidro
Onde o barro coze
E a árvore extingue-se

O MADEIRO, TRADIÇÃO EM TERRAS DE PENAMACOR

O frio aproxima-se com o pestanejar da insónia.
Eu sei que os mortos se erguem do temperamento da fogueira,
acredito na explicação de que a noite é um plágio de luz –
os pés do menino Jesus são transparentes como os alicerces
que o tempo criou na incomensurável beleza do mistério.
Não há um fogo que se extinga perante a eternidade do homem,
visto que os troncos cortados pelos braços antigos dos jovens,
arrestam o tom da pronúncia perante o peso da vida,
arrastam o sopro do lume, o mesmo que une a reconciliação.
Em redor da fogueira as cicatrizes brilham
como se fossem matéria do mundo,
uivam quando a reza suprime o desgosto que advém do que é profícuo.
O Madeiro ilumina a madrugada, enquanto as ruas se silenciam
perante o calor de um vento que ousara emigrar para a melodia do fogo

de Penamacor – creio ter aqui encontrado a infância de Tarkovsky –,
caligrafia de um país enquanto os rapazes assobiavam aos frutos,
e as raparigas colhiam os ramos de laranjeira
com os dedos carregados de mágoa, visto que a sensibilidade é, ainda,
um talento raro que perscrutara no olhar antigo
da «Malta das Sortes», a redenção, o exílio e a brancura do que é divino.
Esta é a miríade do pão, a áscua do olhar,
a dor da linguagem, a traição de que fora perpetrada a solidão.
Ninguém! Digo-te, ninguém terá a ousadia de ignorar
a limpidez de quem contempla o céu em todos os seus domínios.



MADEIRO

Labaredas sobem, sobem, sobem
para lambar as estrelas
no céu frio cintilante
a fazer negaças à Terra
na noite gélida, abençoada.
O Grande Madeiro
troncos grossos com cabeleiras de raízes arrancadas
ao poder pujante da natureza
que se eleva em beleza
de chamas devorantes
que imolam o madeiro,
troncos e troncos amontoados para alcance do firmamento,
em sacrifício de fogo,
que o fogo purifica e festeja,
que o fogo é quente e aquece
a noite que goteja de humidade
como lágrima de saudade
do Menino.

Ânsia do Madeiro em chamas que estralejam
mitigando solidões humanas em círculo
que do fundo do ser
sobem enroladas no fogo
em oração
na noite abençoada.
O fogo dançante sobe, sobe, sobe
em faúlhas estrepitosas
para que sejam a alegria do roubo de Prometeu
em centelhas de luz e calor.



Marília Miranda Lopes

Não vacilas com o vento de leste:
o teu corpo decide o movimento
a onze metros do mar.

Ali, a tela ainda vazia
espera que recomeces,
porque diante dos olhos, bailam
silhuetas de pescadores,
fumos soltos de um madeiro
e vibra um sol alaranjado,
a ofuscar o quotidiano,
a cinza, o peso, o som mortífero.

Por um instante,
os bombardeamentos de guerra
incitam, não à violência,
mas ao ímpeto de um traço,
ao resgate da beleza.
Pintas de uma vez só
nas docas de Bois,
destapas o fumegante
deslumbramento.
A saída do porto
abre-se também no pensamento:
tens a impressão de transpor
a fronteira sombria da época,
e a comoção de respirar
finalmente
o melhor vapor.

PENAMACOR (SONETO DE NATAL): MADEIRO

sempre faz-se de fogo o que é mais vivo e verdadeiro:
enquanto o dia anoitcece... as estrelas... o pendão
de cada hora que avança, se move a fé o outeiro
e pode até vencer o inserto encerro na cerração.
tudo o que vale e mais vale à vida é assim inteiro:
chama de arvorecer de sol a sol a solidão,
e sabe bem fugir do laço do passarinho;
a noite desfeita em brasa, tremeluz em tição...
nascer, nascer e renascer o mistério primeiro,
de novo, Natal, sem que seja uma repetição:
a lenha, o lenho que alinha-se no desfiladeiro...
além, o monte santo, e o vento, avante, e a monção...
um lince fita, mira, contempla, vê o madeiro,
faz mais arder o alaúde do seu coração.





Pablo González Martín

SOL DE INVIERNO

Y tú sol
Pon de luto la luz ya para siempre:
Apaga y vámonos...

Aníbal Núñez

Llevas diciembre en los labios callado como un sepulturero
y lo arrastras

con su eco moribundo

por las pieles sabulosas por las que te encaramas
hasta acabarte sin estar muerto todavía
te vas a oscuras dejas las cosas a su suerte
dejas a las noches sin tiempo sin reserva
dejas a los amantes expuestos al frío
del sexo clandestino de la noche
dejas el nido abierto para tu regreso

ya será tarde

cuando ya transiten los lagartos los caminos con paciencia
abubillas dementes te perseguirán para apagarte

a picotazos abrirán tu atadijo
del color de las naranjas amargas
llevas contigo la sequedad del aliento
y su necesidad de agua al horizonte y su perfil de hombre muerto
dejas aquí la tarde y tu luz autóctona
un cielo azul de bandera
un arroyo vadeable

dejas por si acaso el tiempo
para que la primavera lo desterrone después
entre sus dientes

O MADEIRO

Chegou o Grande Madeiro
O Maior do País inteiro
A esta linda região
É um invento de valor
Que se faz em Penamacor
Para manter a tradição

Foi a Malta de 2003
Que trouxe o Madeiro esta vez
Menor que no ano passado
Porque os Santos da Igreja
A verdade bendita seja
Já têm ar condicionado

É um invento cultural
Dos muitos de Portugal
Este um pouco diferente
Tem mercado e gastronomia
Música e muita alegria
E calor para toda a gente

Em tempos que já lá vão
Reza a antiga tradição
E é salutar recordá-lo
Para acender o madeiro
Esperava-se o ano inteiro
Pelo fim da missa do Galo

São duas festas de união
De religião e tradição
Esperadas o ano inteiro
Todo o povo fica em festa
Não há vida como esta
Penamacor Vila Madeiro

É mais um que vai arder
Nesta Vila que gosta de ter
O seu Madeiro pelo Natal
Este evento sempre novo
Da cultura deste povo
Que enriquece Portugal

As tradições são para manter
Valorizá-las como possa ser
Como faziam nossos pais
Para terem no terreiro
Cada vez maior o Madeiro
E foi assim uma vez mais

É o Madeiro de Natal
Imponente e tão real
Com seu usual destino
De aquecer o ambiente
Onde se aquece muita gente
E se canta o Deus Menino

Este Madeiro afamado
Conhecido em todo o lado
Sua fama longe soa
É um invento com valor
Orgulho de Penamacor
E de toda esta gente boa

Silva Amaro

A árvore, sem raízes, não chega do céu.

Aproxima-te

Ajuda-me a acender este fraco pavio

Pega nele com cuidado

Não o vás ferir mais.

Acende-o de uma vez

Acende-o enquanto as caçarolas de barro ainda agonizam

Elas esperam ansiosas

Umas gotas de água e beijos das brasas

Acende-as

Para não se esquecer que o fogo é da cor da fome

Cuja sombra se encosta ao nosso estômago em vigília.

Vamos

Tragam essa mesa estragada para perto do lar

Para atizar a candeia com o nosso sopro leve.

A água aquecerá aceitando o sofrimento

Até que desesperada a sua fibra vencida entre em ebulição

Mais brasas

Mais fogo

Deitemos-lhe até o desprezo da lenha

Para avivar a cinza apagada

Mais brasas

Mais fogo

Para que ferva a água,

Sim

Até que nas suas crepitações sejam desenhadas espigas de trigo

E quando a altas horas

Se apagarem as frias línguas de fogo

As cinzas hão-de acalmar a sua dor

A massa esquecida estará levedada

Os limites proibidos do pão estarão cozidos

E o homem fechará o punho

Para disfarçar a fome com ilusão amassada

Finalmente

O pavio vai poder apagar em paz

As suas ânsias de fogo e de luz

E as caçarolas de barro vão ser guardadas por debaixo das cinzas

Ficando oculta a sua boca.

Agora

Sim, agora

Anunciem com fumo branco a sair das janelas

Das chaminés

Voltem a pôr a mesa no seu lugar

Convidem os forasteiros

A mesa estará posta com pão de cores

Hoje finalmente vamos sonhar
Com o prazer do jantar.

Ao acordar
Iremos recolher os restos dos nossos sonhos
Para os espalhar
Entre os hematomas das pedras do caminho.
O pavio continuará a lutar para ser fogo
Apesar de estar a agonizar
Precisa roubar
O combustível dos medrosos raios do sol
Precisa guardar
A gélida mesa com o seu manto túbio
Para curar
Fibra a fibra
As escuras feridas
Do pão de cores.

(Tradução de Leocádia Regalo)



FOGUEIRA DE L GALHO

Ls moços rómpen l'alborada cantando
Ye die de Natal, die de nacimiento.
I pula tarde, cumpridos ls rituales de passaige,
Cortados ls tuoros, bien quemidos i buídos
Camínan pulas rugas de la cidade
Cun fraitas, pandeiros i gaitas de fuolhes.
Splendor de l sprito terreno i debino.
Atrás de ls carros de buis puxados
Puls mais çtemidos suldados de l amor
Bai giente sien eidade
I cun l aire a rapar la barba al más baliente
Síguen caras al sagrado de la Sé
cumo manda la tradiçon.
Al caier la nuite
chiçcan l fondo la fogueira
Amuntonada por quien quier passar
Las raíces, la chama de l amor i la curgidade.
L fogueira arremete, passa al campanairo
chube por anriba l'amponiente catedral.

De la chama scápan-se bioletas
Restrálhan streilhas an rostros de sprança
I mirares de paç.
Ben, miu pastor! Abracemos la nuite
Abracemos to l mundo, campo sagrado.
Trai las capas de burel antigas i picadas
Pon ua ne ls mius ombros
Somos pelegrios nesta abintura.
Buscamos un mundo justo i purfeito
La guerra cuntina
Mas ye de paç que falamos.
Bamos a çtapar l lhicor de moras
Que nacírun lhibres nas bordas de ls caminos.
Sentir la música, l amplachar de ls bersos
I al redror la fogueira de Natal,
Bebamos, beilemos i cantemos
Cantemo ls salmos que bibimos
I ne l pelubrino de las capas celebremos
L ampercípio de l berbo.

Glossáro:

Ampercípio - princípio
Amplachar - despir
Fraitas - flautas
Pelubrino - Rodopio
Restralhan - crepitam
Rugas - ruas
Sagrado - Adro



Tiago Alves

Frio de conforto,
Sob'abóbada celeste,
Línguas d'aroma.

Inverno ermo,
Em longa vigília,
Luz d'esperança.



Vicente Garrido

RAIA

“De um lado terra, doutro lado terra; de um lado gente,
doutro lado gente;
Lados e filos de esta mesma serra,
o mesmo céu os olha e os consente.”

Miguel Torga

Con la mirada sigo la línea imaginaria
Que separa dos tierras,
Que parte la sierra que une en silencio
-Accidentes aparte-
Tu pueblo y mi pueblo.
Serpiente enajenada que cambia las palabras.

Arden rastrojos,
Tufo que ciega distintos acentos.
Varas que agitan centellas
Sobre estos campos secos.

Caballos desbocados bajo la luna llena.
Disparos que retumban
Entre la niebla.
Se muelen las penas con grano amargo,
Engrasa el aceite las despensas.

No hay quien gobierne
El ramaje nuevo
De este olivo centenario.
No hay quien sofoque
Este cielo arrebatado.

Relincha la noche aciaga en la frontera
(Han pasado de largo)
Se han calmado las bestias.





Num mundo em guerra e intolerante, conclui-se a fixação destes fólhos de poesia a 15 de Dezembro de 2023, dia que tem como patronos Santa Cristina, a escrava grega que viveu no século IV, e S. Valeriano, bispo africano e mártir do século V, a 10 dias da noite que reilumina no coração da humanidade a Esperança e a Fraternidade.

Os organizadores agradecem a colaboração para a vitalização sazonal e metafórica desta convergência de vozes dos Poetas João Rasteiro, Leocádia Regalo, Aida Acosta e do editor João Artur Pinto.



Aurelino Costa; António Salvado; Alfredo Pérez Alencart; António Teixeira e Castro; Carlos Da Aira; Carlos Cruchinho; Helena Villar Janeiro; Hugo Milhanas Machado; João Rasteiro; Joaquim Cardoso Dias; José Miguel Santolaya Silva; Leocádia Regalo; Luís Filipe Pereira; Luís Castro Mendes; Miguel Rego; Maria Toscano; Nazaré de Sant’ Ana; Rosa Alice Branco; Stefania Di Leo.



Alvaro Giesta; António Maria Vieira Pires; António Rico; Artur Coimbra; Carlos Cruchinho; Carlos Manuel Lopes Pires; Cláudio Lima; Domingos da Mota; Eddy Chambino; Eduardo Aroso; Eduardo Olímpio; Graça Pires; Henrique Levy; Isabel Mendes Ferreira; João Pedro Azul; João Ricardo Lopes; Joaquim Colôa; Jorge Velhote; Juan Carlos Martín Cobano; Luís Filipe Maçarico; Manuel Barata; Maria de Lourdes Hortas; Maria José Quintela; Santiago Aguaded Landero; Sara F. Costa; Victor Oliveira Mateus.



Aida Acosta; Albertina Pires da Silva; Alberto Pereira; Ana Maria Puga; Carlos d’Abreu; Cecília Álvarez; Francisco Pardal; Izidro Alves; Javier Dámaso; João Sousa Teixeira; Jorge Carvalho; José Emilio-Nelson; José Manuel Batista; José Pires Marques; Luis Frayle Delgado; Luísa Carreirinho Tavares; Manuel Costa Alves; Maria Helena Ventura; Nicolau Saião; Pantaleão; Paulo Jorge Brito e Abreu; Paulo José Costa; Pedro Domingues; Rodrigo Dias; Teresa Veludo; Tiago Alves; Tomás Acosta Píriz; Vasco Lopes Dias Araújo; Virgínia do Carmo; Alunos do 6º A do AERS; Alunos do Pré-Escolar do AERS; Alunos do 1º Ciclo do AERS.

/ Afonso Carrega / Aires Diniz / Ana Melo / Ana P de Madureira /
/ António Lourenço Marques / António Rico / António Sá Guê /
/ Carlos Cruchinho / Carlos Fernando Bondoso / Fernando de Castro Branco /
/ Francisco Pardal / Gabriela de Sousa / José Alfredo Pérez Alencar /
/ José d'Encarnação / José Dias / José Dias Pires /
/ José Fernando Delgado Mendonça / Leonora Rosado / Luís Aguiar /
/ Maria de Lúdes Gouveia Barata / Marília Miranda Lopes / Mário Hélio /
/ Pablo González Martín / Pantaleão / Silva Amaro / Sixto Sarmiento /
/ Teresa Almeida Subtil / Tiago Alves / Vicente Garrido /

